

# HUSSERL E NIETZSCHE: A “TRANSMUTAÇÃO” DO NILISMO

Vanessa Furtado Fontana<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo pretende pensar o aspecto afirmativo do pensamento de Nietzsche ao propor uma “transmutação” do niilismo. Transmutação está em destaque, pois para Nietzsche o niilismo faz parte da vontade de potência, ou seja, para superar o niilismo decadente da cultura europeia e ocidental é necessário saber direcionar o aspecto negativo, ou melhor, da crítica aos valores tradicionais, para afirmar a vida, o ‘sujeito criador’ e a finitude. Ao pensar no poder do aspecto niilista presente na transmutação da cultura, poder esse que destrói os valores da cultura ocidental e faz nascer uma possibilidade de superação do niilismo, pensa-se também em Edmund Husserl como um representante da filosofia nietzschiana ao fazer implodir a noção de cultura ocidental através da crítica às ciências sejam elas positivas, do espírito (história, psicologia e sociologia), ou a própria filosofia através da crítica à metafísica e sua dicotomia realismo *versus* idealismo como causa e fundamento da crise cultural. Para aproximar Nietzsche e Husserl deve-se entender que Husserl efetivou o principal chamado de Nietzsche, o chamado pela afirmação da vida, afirmação do mundo fenomênico e afirmação da ‘subjetividade’ criadora, o que propiciou novos rumos ao pensar contemporâneo. Husserl faz da fenomenologia uma filosofia pensante da aproximação com o mundo e com *as coisas mesmas*, num ato de liberdade e criação de um campo relacional de sentido, aproximando-se ao si criador, ao além-do-homem nietzschiano.

**Palavras-chave:** Niilismo. Cultura. Transmutação. Fenomenologia. Subjetividade.

## HUSSERL AND NIETZSCHE: THE “TRANSMUTATION” OF NIHILISM

**ABSTRACT:** The article intends to reflect on the affirmative aspect of Nietzsche's thought by proposing a "transmutation" of nihilism. Transmutation is in the spotlight, because for Nietzsche, nihilism is part of the will to power, that is, to overcome the decadent nihilism of European and Western culture, it is necessary to know how to direct the negative aspect, or rather, the criticism of traditional values, to affirm the life, the 'creative subject' and finitude. When thinking about the power of the nihilistic aspect present in the transmutation of culture, a power that expects the values of Western culture and gives birth to a possibility of overcoming nihilism, Edmund Husserl is also thought of as a representative of Nietzschean philosophy when he implodes the notion of western culture through the criticism of sciences, be they positive, of the spirit (history, psychology and sociology), or philosophy itself through the criticism of metaphysics and its dichotomy realism versus idealism as the cause and foundation of the cultural crisis. To bring Nietzsche and Husserl closer, it must be understood that Husserl carried out Nietzsche's main call, the call for the affirmation of life, the affirmation of the phenomenal world and the affirmation of creative 'subjectivity', which provided new rumors in contemporary thinking. Husserl makes phenomenology a thinking philosophy of approaching the world and things themselves, in an act of freedom and creation of a relational field of meaning, approaching the creative self, the Nietzschean beyond-man.

**Keywords:** Nihilism. Culture. Transmutation. Phenomenology. Subjectivity.

A história da filosofia contemporânea teve e tem como dilema o trágico destino anunciado por Nietzsche de tentar responder à falta de sentido na qual chegou a existência humana no final do século XIX. O que a filosofia contemporânea pode fazer diante do prognóstico da queda ao niilismo que, no mínimo dificulta, para não dizer que trava as possíveis soluções ou caminhos de desenvolvimento do pensamento pós-moderno? Ceder ao niilismo ou tentar transmutá-lo? Além de entrar na discussão sobre tipos específicos de niilismos, do impulso crítico inegável do niilismo ao avanço do pensamento livre e do

---

<sup>1</sup> Professora Associada da UNIOESTE e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIOESTE/Toledo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9027-9671>. E-mail: fontanessa@yahoo.com.br

progresso da Filosofia, deve-se pensar a importância das marteladas desse filósofo que anunciam a morte de uma metafísica decadente misturada com toques perversos de religião.

O que é niilismo? “Na palavra niilismo, nihil não significa o não-ser, mas, antes de qualquer coisa, um valor de nada” (DELEUZE, 2018, p. 189) Na primeira forma do niilismo, ele se concentra na vontade de nada, “valor de nada assumido pela vida” (DELEUZE, 2018, p. 189). Este é o niilismo negativo, o momento da consciência cristã, a verdadeira vida está no além, deprecia-se a vida terrena desejando uma vida depois da morte. O segundo momento do niilismo é o niilismo reativo ou momento da consciência europeia. O cristianismo conduz à morte de Deus, como explica Deleuze: A vida reativa no lugar da vontade divina, o homem reativo no lugar de Deus. O niilismo reativo é o tipo de homem mais feio, ele se caracteriza pela má-consciência, ele tem missão a usurpação da cultura e a formação de rebanho, trata-se do homem culpado e domesticado. (DELEUZE, 2018). Um terceiro tipo de niilismo seria o niilismo passivo, ou niilismo budista apoiado pelo ideal ascético, como exemplo a filosofia de Schopenhauer.

Com o niilismo, Nietzsche não anuncia meramente a morte de Deus, Nietzsche anuncia a liberdade do pensamento, a Filosofia artística da vida, a cura da civilização e da cultura. A pergunta que intriga todo estudioso da filosofia e todo pensador livre em geral é: Por que, mesmo com a crítica de Nietzsche, a humanidade ainda hoje afunda no poço do niilismo decadente? Isto explica a importância em recuperar as críticas de Nietzsche e buscar analisar os pontos de semelhança com a fenomenologia de Husserl que mostra também preocupação com a crise da civilização ocidental, através do eixo da crise das ciências e da própria filosofia.

Ao recuperar a leitura das palavras de Nietzsche acerca do futuro tem-se uma marca na tradição filosófica que não pode ser deixada de lado:

Nietzsche foi considerado o profeta da morte de Deus, o arauto da mais profunda crise espiritual que convulsionou o mundo ocidental em séculos [...] a catástrofe que Nietzsche havia predito e batizado com o nome de ‘niilismo’ nunca esteve longe da mente de seus leitores, vivendo como estavam no meio de cataclismos civilizacionais tão aterrorizantes quanto àqueles que Nietzsche havia previsto. (METZGER, 2009, p. 1)

Apesar da trágica marca deixada por Nietzsche e do estranho e assustador “hospede à porta”<sup>2</sup>, o niilismo, como marca da profunda crise contemporânea da cultura e da sociedade ocidental, o autor Jeffrey Metzger destaca que nos últimos 20 anos os temas de estudo da filosofia de Nietzsche foram desassociados do niilismo e se ampliaram, o que é bom, porém Metzger vê uma certa negligência no tema diante da conjuntura humana atual, ele diz: “[...]nos últimos 20 anos, é surpreendente ver quão pouca atenção direta o assunto do niilismo recebeu.” (METZGER, 2009, P. 1). O que implica pensar em fazer renascer esse tema nesse dossiê, bem como em outros que têm dado a luz no circuito nacional e internacional, isso mostra o quão urgente é abordar o niilismo hoje, e mais do que isso, quão urgente é indicar caminhos para transmutar o niilismo.

Ao pensar a possibilidade de transmutar o niilismo, deve-se pensar nas críticas impostas à cultura niilista que permeia a civilização ocidental. Fica claro que: “[...]a história da filosofia, a ciência, a moralidade, a política, a religião e a arte europeias são, elas mesmas, profundamente niilistas [...]” (TONGEREN, 2022, p. 203). Cultura niilista é a resultado da decadência ocidental, de uma negação de tudo. A questão da cultura aproxima as filosofias de Nietzsche e Husserl e deve ser vista através da crítica cultural que esses filósofos impõem ao seu tempo histórico, tanto no aspecto da cultura em geral, quanto da Filosofia e das ciências como fazem ambos ao se defrontarem com os problemas da crise da metafísica no ocidente.

Na filosofia de Nietzsche como explica Eugen Fink toda cultura europeia é alvo de crítica. Sobre isso diz Fink:

O conflito de Nietzsche com o passado estende-se por uma frente mais ampla ele bate-se não só contra a tradição filosófica, mas também contra a moral e a religião tradicionais. A sua luta tem a forma de uma extensa crítica da cultura. (FINK, 1988, p. 8)

Esta crítica de Nietzsche é feita de forma avassaladora e violenta, como nunca antes foi realizado por nenhum filósofo na história da filosofia. Como diz Fink, relembrando a oposição do pensamento de Nietzsche em relação à filosofia de Hegel

---

<sup>2</sup> Como explica Metzger na introdução de sua coletânea: “Nietzsche, Nihilism and the Philosophy of the Future”: Nietzsche utiliza a expressão o mais assustador de todos os convidados para falar do niilismo, “dieser unheimlichste aller Gäste”. “A figura do hóspede, “à porta”, sugere que ele é estrangeiro, um estranho ou estrangeiro de quem se pode dissociar com segurança ou diferenciar-se.” (METZGER, 2009, p. 1).

sobre o desenvolvimento da cultura europeia: “[...] Nietzsche nega impiedosamente e claramente o passado, repudia todas as tradições, apela a uma reconversão radical”. (1988, p. 7) Nesse ponto destaca-se o propósito da crítica à cultura, a superação do niilismo, ou melhor, a sua transmutação. O propósito da transmutação do niilismo é caracterizado nas filosofias de Nietzsche e de Husserl como transmutação do pensamento filosófico metafísico tradicional, o qual assenta a cultura europeia. Como explica Fink:

A crítica nietzschiana da cultura esconde com demasiada facilidade o fato, mais profundo, de se tratar, em Nietzsche, essencialmente apenas de um conflito filosófico com a metafísica ocidental. Na verdade, Nietzsche submete toda cultura do passado a sua crítica destruidora. (FINK, 1988, p. 8)

Conforme explica Fink, não se trata de um problema secundário, mas de um grande problema presente em toda história da filosofia e que permeia toda cultura ocidental e afeta todo seu desenvolvimento, desde os tempos antigos, com a filosofia grega. Não é uma questão só concentrada na moral, mas uma interpretação de mundo, na qual o niilismo decadente está na base de todos os setores da vida humana. O problema apontado por Nietzsche é da influência da filosofia socrático-Platônica e o seu desenvolvimento na religião cristã, pois essa é vista como: “[...] platonismo para o povo [...]” (NIETZSCHE, 2014, p. 8), que fez rebaixar o projeto filosófico da natureza, da vida e da humanidade, ao problema de uma moral niilista. A crítica de Nietzsche é antes sobre a decadência da metafísica na forma da moral. Sobre isso afirma Fink:

O niilismo vem a caminho, vivemos todos no seu advento. Mas o que significa niilismo? ‘...que os valores supremos se desvalorizam. Falta o objetivo, a resposta ao porquê?’ A existência humana perdeu seu rumo; já não tem estrelas acima dela que lhe indiquem o caminho. O ‘céu estrelado’ dos ideais morais extinguiu-se. Deus pereceu, isto é, a interpretação moral e ontológica do ser na evolução da metafísica ocidental perdeu para nós o seu caráter obrigatório; já não temos apoio; flutuamos no vazio, sem tocarmos no fundo. (1988, p. 162)

O pensamento de Nietzsche ao priorizar a moral revela a falha da história da metafísica no pensamento filosófico e inicia um movimento crítico de revisão das bases metafísicas da filosofia. Husserl é herdeiro desse aspecto crítico da metafísica, o qual já está apontado nos *Prolegômenos à Lógica pura* de 1900, que faz parte das *Investigações Lógicas*. A crítica à metafísica aparece nesse primeiro momento através de uma crítica à concepção metafísica de lógica, uma crítica direta a Aristóteles, e às ciências que utilizam essa base teórica. O problema da lógica metafísica é a sua limitação ao mundo exterior

espaço-temporal pensado pela Física e Matemática, porque para Husserl a metafísica se ocupa da crença ou não na existência do mundo, o que para a fenomenologia é uma questão superada, já que importa pensar o momento originário do mundo. O que importa pensar é qual o sentido do mundo e para isso deve-se ultrapassar a metafísica tanto na sua visão dicotômica de mundo, quanto nas respostas transcendentais de cunho religioso ou extra-humano. Sobre isso Husserl diz: “Essa fundação metafísica não é, contudo, suficiente para alcançar a desejada contemplação teórica das ciências particulares; ela só diz respeito às ciências que tratam da efetividade real [...]”<sup>3</sup> (HUSSERL, 2014, p. 8)

Ciente da dificuldade da fundamentação teórica das ciências particulares ou positivas, Husserl realiza a tarefa da crítica das ciências ao estabelecer a fundamentação de uma nova lógica destituída de fontes psicológicas, formais e metafísicas. (Hua 18/19) No intuito de esclarecer a não herança metafísica da fenomenologia, os prolegômenos §27 deixa clara a preocupação de Husserl em excluir os pressupostos clássicos da metafísica transcendente da lógica fenomenológica. Na formulação de uma consciência não poder reconhecer juízos contraditórios está a ideia de que o princípio lógico deve se abster de qualquer hipóstase metafísica (Hua 18/98) e ainda que o princípio lógico não tem nada a ver com a psicologia, ou melhor é preciso reformular o princípio lógico, o que faz Husserl ao defender a lógica como teoria da significação.

A discussão acerca da herança metafísica da fenomenologia, elaborada por muitos discípulos de Husserl, diminui as preocupações do mestre em evitar os pressupostos clássicos da metafísica. Alguns comentadores expõem o que chamam “tese husserliana da neutralidade metafísica” (1997, p. 197) como é o caso de Jocelyn Benoist no livro de 1997, e depois Dan Zahavi em 2017, que também segue na mesma teoria. Zahavi diz:

Husserl defende uma espécie de neutralidade metafísica nas Investigações Lógicas. Mas o que exatamente isso implica? Que tipo de perguntas ou problemas são suspensos devido a essa neutralidade? Dado que Husserl considera a questão relativa à existência de uma

<sup>3</sup> No original: “Diese **metaphysische Grundlegung** reicht aber nicht aus, um die gewünschte theoretische Vollendung der **Einzelwissenschaften** zu erreichen; sie betrifft ohnehin bloß die Wissenschaften, welche es mit der **realen Wirklichkeit** zu tun haben [...]” (Hua 18/27) Destacam-se algumas expressões do original, como por exemplo, **metaphysische Grundlegung** ou a fundamentação metafísica no sentido de um fundamento radical e essencial do mundo; o termo **Einzelwissenschaften** que foi traduzido ao português por ciências particulares, tradução já consagrada, que indica as ciências individuais ou particulares regidas por noções de espaço, tempo e causalidade no sentido objetivo. E ainda um destaque ao termo **realen Wirklichkeit**, traduzido por efetividade real, representa o mundo como objeto real no sentido do mundo objetivo físico. Deve-se recordar a diferença entre os termos *Reell* e *real*, o real efetivo é tradução de real, e o *reell* é o conteúdo real da intencionalidade, que também pode ser traduzido por correto e justo.

realidade externa como a questão metafísica que é irrelevante para a fenomenologia, não é difícil dar a resposta. Realismo metafísico e idealismo metafísico são posições metafísicas nas quais a fenomenologia não tem interesse. (ZAHAVI, 2017, p. 33)

Apesar da emblemática frase de Husserl expressa nos Prolegômenos §33 anunciar: “Metaphysische Fragen gehen uns hier nicht an” (Hua 18/122), questões metafísicas não nos interessam aqui, a explicação para essa fala estar restrita à *neutralidade*<sup>4</sup> metafísica ou “[...] ausência de remissão à questão denunciada mais tarde por Heidegger[...]” (BENOIST, 1997, p. 197), mostra uma minimização do objetivo de Husserl. Esta frase indica antes que a metafísica no seu modo clássico foi sim criticada por Husserl, ou neutralizada, colocada em suspenso, a questão não foi negligenciada, mas foi problematizada no plano fenomenológico de uma nova filosofia nascente.

O problema da metafísica na fenomenologia das *Investigações Lógicas* e mesmo na sequência da obra husserliana é mais de uma crítica e distanciamento da tradição do que da simples “escolha” entre um lado ou outro das soluções metafísicas existentes, embora seja indiscutível a opção pelo denominado idealismo transcendental, Husserl o pensa como algo novo, e não simplesmente como uma herança da metafísica clássica. Benoist cita a neutralidade metafísica e a disputa realismo *versus* idealismo como falsa janela, ou melhor, falsa disputa:

De relance, a declaração de Husserl que atribui às *Investigações Lógicas* um lugar (talvez provisoriamente) metafisicamente neutro só pode ser entendida em relação à uma escolha entre a metafísica tradicional e uma alternativa que lhe é característica e mesmo estrutural: a o realismo e do idealismo, que é uma falsa janela que esta metafísica nos abre. (BENOIST, 1997, p. 198)

Contudo, ao replicar a suposta tese da neutralidade metafísica nas *Investigações Lógicas*, Benoist complementa com uma indicação contraditória a esta tese ao falar sobre o realismo nas LU: “[...] aparência muito grosseiramente realista das LU [...] (1997, p. 198) e ainda afirma que Husserl: “[...] evita o ridículo de uma escolha de qualquer forma absurda, qual seja, determinar o real em um sentido ou em outro, o problema era então a noção mesma de real [...]” (BENOIST, 1997, p. 198) Evidentemente, ao analisar de forma acurada o problema da metafísica na fenomenologia, pode-se verificar o evidente objetivo

<sup>4</sup> Cita-se aqui a interpretação de Heidegger que influencia a leitura de Benoist. “Neste projeto universal de uma filosofia fenomenológica, podia ser apontado o lugar sistemático das Investigações Lógicas que haviam como que permanecido neutras do ponto de vista filosófico” (HEIDEGGER, 1979, p. 299)

de Husserl em escapar aos absurdos gerados na metafísica. Husserl não evita tratar a noção de real, e também não tem medo das consequências fenomenológicas de uma escolha entre real e ideal, porque de fato ele faz menção a outro plano de discussões que ultrapassam o tradicional conceito de real ao lançar mão da intencionalidade da consciência. Husserl escolhe nas *Investigações Lógicas* o ideal<sup>5</sup> ou essência do fenômeno, e não escapa de uma concepção idealista já nessa obra, contudo reforma-se aqui a necessidade de explicar o que é esse ideal que Husserl eleva ao plano da vivência intencional fundante em oposição ao real objetivo como vivência intencional fundada.

Heidegger já fala da importância da intencionalidade como conceito novo da fenomenologia de Husserl, o qual determina uma valorização desta filosofia frente ao tradicional plano metafísico, e ainda resgata a ideia de real objetivo de Husserl, ou seja, o real efetivo, porém faz uma interpretação do real imanente da consciência que desqualifica a fenomenologia como mais uma abordagem metafísica. Em seu texto *Intuição categorial* Heidegger diz:

Ressalto expressamente que esse conceito de ‘real’ (Real), realidade correlata à simples sentido de percepção é um conceito muito particular de ‘real’, justamente aquele que determina a análise da realidade do mundo tal como a realiza Husserl. (1973, p. 59-60)

26

No trecho citado o conceito de real usado por Husserl em alemão é *real*, que trata da efetividade espaço-temporal. Contudo, em outro trecho Heidegger fala de outro conceito de real para Husserl que é o real no campo da consciência intencional. “Quando examino a imanência da consciência, sempre encontro apenas o sensorial e o objetivo, que devo tomar como um componente ‘imanentemente real’ ‘reelles’ do processo psíquico, mas nunca encontro nada como ‘ser’, ‘isto’, ‘e’.” (HEIDEGGER, 2005, p. 57) Husserl faz essa separação, mas não com intuito metafísico ou para direcionar a fenomenologia a uma teoria do conhecimento sem ontologia, mas antes para suspender a influência da metafísica tradicional do ser às questões fenomenológicas. Heidegger simplesmente ignora a separação dos conceitos de real em Husserl, porque não aceita o caráter metodológico da fenomenologia, a saber, o colocar o ‘mundo’ entre parênteses.

Para Husserl a crítica à metafísica clássica abre caminhos novos à Filosofia, caminhos que estavam limitados pelo prognóstico nietzschiano da falta de sentido e

<sup>5</sup> Na sequência do texto explicar-se-á a questão do idealismo.

## HUSSERL E NIETZSCHE: A “TRANSMUTAÇÃO” DO NIILISMO

Vanessa Furtado Fontana

nadificação da cultura em geral. Resgatar a divergência entre Fenomenologia e a história clássica da metafísica é fundamental para compreender como Husserl transmutou a filosofia fracassada do passado em nova perspectiva de pensamento e se aproxima de Nietzsche no intuito de ultrapassar o niilismo. A crítica à filosofia, em especial a metafísica feita por Husserl não se limita ao texto das LU, e ainda a crítica por ele desenvolvida amplia-se às ciências e alcança até a cultura em geral. Uma ideia que perpassa as obras de Husserl é a crítica ao objetivismo, que na verdade é uma crítica ao realismo e empirismo ingênuo como base filosófica da cultura. Diz:

Nesta ingenuidade, inevitável no começo, estão, portanto, mergulhadas todas as ciências cujos começos já na Antiguidade se tinham desenvolvido. Dito com mais precisão: o título generalíssimo para esta ingenuidade é objetivismo, enformado nos diversos tipos do naturalismo, da naturalização do espírito. As antigas e as *novas filosofias*<sup>6</sup> eram e permanecem ingenuamente objetivistas. (HUSSERL, 2008, p. 341)

A discussão acerca do realismo ou idealismo na fenomenologia perpassa muitos problemas polêmicos e difíceis de terem tratados<sup>7</sup>, mas tais discussões apresentam justamente os acertos e os erros de Husserl, os quais torna compreensível a proximidade com a proposta de Nietzsche da transmutação do niilismo, através da ideia husserliana de renovação da filosofia e da cultura, termo aplicado nos artigos para revista *Kaizo*: “Renovação é o grito de chamada geral no nosso doloroso presente, e é-o no domínio de conjunto da cultura europeia.” (HUSSERL, 2014, p. 3) O ‘acerto’ ou o ganho de Husserl foi ter a coragem de ultrapassar o dualismo da metafísica, o ceticismo da própria Filosofia e ter como resultado ter apresentado uma nova forma de pensar. O ‘erro’ ou desvantagem foi ainda se prender à racionalidade, a idealismo e ao desejo de infinito (fenomenalmente)<sup>8</sup>, contudo os defeitos da fenomenologia de Husserl também devem ser bem analisados para não cair na crítica sem compreensão do todo, e ainda mais, por ela ser uma constante transmutação limitada por uma linguagem conceitual ‘tradicional’ reformulada.

27

<sup>6</sup> Na sequência do texto Husserl afirma que entre as novas filosofias ingênuas está também o idealismo alemão, incluindo Kant.

<sup>7</sup> Exprimi aqui a dificuldade de tratamento desta questão, e reconheço que há necessidade de um aprofundamento nesse ponto, porém o objetivo proposto impede estender tais elucubrações nesse artigo, o que motiva nova discussão em outro momento.

<sup>8</sup> Infinito em Husserl seria o horizonte de possibilidade das vivências intencionais aberta pelo campo transcendental da consciência pura, a fenomenologia como tarefa infinita descrito em *Krisis* e na conferência de Viena de 1935.



Diante da questão da crítica do realismo feita por Husserl e da discussão dos fenomenólogos herdeiros que de um lado criticam a fenomenologia por seu idealismo e de outro dizem que Husserl ao final da obra abre mão desse idealismo transcendental em detrimento de um realismo, ou simplesmente, Husserl teria na *Krisis* deixado de ser idealista e retomado o realismo. De fato, apesar da interpretação realista da fenomenologia de Husserl, como explica Ingarden: “[...] Husserl na verdade nunca explicitamente declarou-se publicamente a favor do "realismo" em um ou outro sentido [...]” (INGARDEN, 2005, p. 72), ao contrário, é explícita a denominação de idealismo transcendental ao projeto da fenomenologia, como faz Husserl em várias obras, em especial nas Ideias I. Apesar dessa aproximação do idealismo, Husserl manifesta em vários momentos de sua obra o ultrapassamento da dicotomia realismo/idealismo. Ele mesmo diz na *Krisis*:

Nenhuma discussão sobre o idealismo e o realismo chegou ainda, até hoje, à consciência do verdadeiro problema que, buscado mas não encontrado, reside por detrás de todas as teorias do conhecimento, para não falar da compreensão da redução transcendental, no seu difícil sentido de portão de acesso ao genuíno conhecimento de si e do mundo.” (HUSSERL, 2008, §72, p. 273)

28

Que a fenomenologia husserliana ultrapassa a tradição metafísica e permite repensar em novos parâmetros o fazer filosófico, isso é facilmente evidenciado. Que a fenomenologia abriu as portas à possibilidade de uma filosofia não cética e uma filosofia que permita o desenvolvimento para além do niilismo, isto é outra verdade. Contudo, sabe-se das dificuldades de tal missão diante da “vontade de nada” que quer transcender a vida e diante de um ideal científico da verdade, que é avassalador de qualquer proposição inovadora e criadora. A cultura operada no objetivismo ingênuo de um lado, teve como contraposição o subjetivismo psicológico, herdeiro de uma tradição metafísica cartesiana. Concentrar o mundo na consciência foi a escolha metafísica de grande parte da tradição filosófica e de várias ciências, como a psicologia. Husserl opera uma verdadeira varredura nessa tradição excludente e unilateral da metafísica, mas Heidegger o acusa de não ter ido tão longe dessa tradição:

Introduz-se, assim, o idealismo transcendental na fenomenologia. E surge também nela o movimento contrário: o realismo entendido em sentido tradicional. Esta contraposição resultará como essencial para a discussão científica que se dará dentro do movimento fenomenológico.

Na fenomenologia não se questiona de maneira radical se toda questão de caráter epistemológico carece de sentido. Trabalha-se seguindo uma tradição má e equivocada. (HEIDEGGER, 2016, p. 81)

O parecer heideggeriano marca toda uma tradição de críticas ao pensamento husserliano, o que origina uma falta de leitura mais apurada dos verdadeiros conceitos e da própria fenomenologia inaugurada. Não seria uma falácia apressada definir o ‘idealismo transcendental’ de Husserl dentro da tradição que ele se esforça para denunciar? O idealismo husserliano ao se fundar na subjetividade transcendental “[...] se encaminhava, consciente e decididamente, na esteira da tradição da Filosofia moderna[...]

 (HEIDEGGER, 1979, p. 298)? Não estaria Heidegger a criticar o mestre com intuito de desviar para si o legado incontestavelmente transformador e criador da fenomenologia de Husserl? O que é a consciência ou o eu que unifica os atos de consciência para Husserl? Segue-se a esteira dessas indagações com o desígnio de aclarar a definição de subjetividade husserliana não opera no desejo do *infinito*<sup>9</sup> ou na busca incessante de negar a vida, aproxima-se muito mais da transmutação do niilismo do que qualquer outro filósofo nesse período.

Na leitura das *Investigações Lógicas*, apesar da diferença entre a primeira edição de 1900 e a revisão de 1913, pode-se destacar a importância da idealidade, pois é isso que a fenomenologia evidencia para conquistar a explicação ontológica e fundante da fenomenalidade dos fenômenos, ou das vivências intencionais. “O *eu fenomenológico reduzido* não é, portanto, nada de peculiar que pairasse sobre as múltiplas vivências, mas é simplesmente idêntico à própria unidade de ligação dessas vivências.” (HUSSERL, 2007, p. 385) A inclusão do termo “eu fenomenológico reduzido” é da segunda edição, mesmo assim não modifica a intenção de defender a não transcendência do eu a qualquer esfera além-mundo ou idealizada, trata-se tão somente de exibir a fundamentação filosófica do mundo, dentro do próprio mundo.

A idealidade da vivência nada mais é para Husserl que a unidade de sentido fundante de todo e qualquer fenômeno. Na introdução à quinta investigação explana-se a definição de idealidade, a qual resgata a ligação necessária entre vivência real e ideal

<sup>9</sup> Deve-se fazer uma restrição no final do artigo acerca da questão do infinito em Husserl, ainda aparece uma necessidade infinita, mesmo que não transcendente (metafísica tradicional), mas o infinito se enquadra na esfera de uma ciência da busca da verdade racional, o eu busca o infinito, ou melhor, assume a infinita tarefa do fazer filosófico, que pode ser pensando como algo limitado, mas também pode ser pensado como impulso volitivo diante da possibilidade infinita de criar sentido.

como facetas do mesmo fenômeno, do mesmo aparecimento no mundo. Sobre a ligação entre real e ideal nas significações das vivências diz:

Como a todas às unidades ideais, também correspondem às *significações de possibilidades reais*<sup>10</sup> (Bedeutungen reale Möglichkeiten) e, eventualmente, efetividades, às significações *in specie* correspondem os atos de significar, e elas não são outra coisa senão momentos idealmente capitados nestes. (HUA 19/352)

Esta citação indica justamente a conexão necessária e fundamental entre real e ideal, que essas não são instâncias separadas e que a fenomenologia apenas trata do fenômeno, do único e o mesmo fenômeno do mundo. Sobre a explicação da relação real e ideal na fenomenologia de Husserl resgata-se aqui o comentário de Ingarden que diz:

É certo que na época das Investigações Lógicas, Husserl entendeu por ‘ser’ não apenas o real, mas também o ser ‘ideal’, sem quaisquer outras qualificações, e não hesitou em assumir ‘objetos ideais’, embora se declarasse contra o chamado ‘realismo platônico’ na concepção das Ideias. (INGARDEN, 2005, p. 73)

A interpretação de Ingarden tem também uma influência heideggeriana ao analisar o problema do idealismo transcendental de Husserl centrado na questão da subjetividade. Conforme a perspectiva definida por Heidegger, não só nesta obra, mas outros momentos de suas críticas, diz:

Hoje estamos em posição de nos mover contra o idealismo precisamente nesta frente apenas porque a fenomenologia demonstrou que o não-sensível e o ideal não podem ser identificados sem mais detalhes com o imanente, consciente, subjetivo. (HEIDEGGER, 2005, p. 57)

A simplicidade da crítica de Heidegger ao avaliar o conceito de consciência transcendental como herança subjetiva, moderna e limitada para um pensamento filosófico contemporâneo, revela apenas tangenciar o que seria a subjetividade transcendental husserliana, e ainda bloqueia a grandeza do ultrapassamento da fenomenologia como um novo começo sem pressupostos da Filosofia. Heidegger parece

---

<sup>10</sup> Na tradução portuguesa elaborada nesta parte por Pedro Alves o termo utilizado é: “significações possibilidade reais”, acrescentou-se um ‘de’ para ficar mais claro. No original usa-se *Bedeutungen* para significado ou sentido, *reale* para real no sentido de real objetivo e *Möglichkeiten* para possibilidades, mas o sentido da expressão é significações de possibilidades reais, enfatizando o real efetivo.

não querer vasculhar mais a fundo a subjetividade transcendental, ou o Eu puro, porque não pode abandonar seu argumento linguístico do uso desgastado do conceito Eu, subjetividade e consciência para pensar na definição que esse conceito quer de fato significar. Já Ingarden, apesar da mesma perspectiva limitada ao problema do que é a subjetividade reconhece o mérito husserliano:

Idealismo transcendental era, de certo modo, apenas a maneira de trazer alguma luz para a escuridão da relação pré-filosófica com a realidade, e essa luta deveria ser vencida com a ajuda da reflexão constitutiva e da revelação dos processos da "fundação" do mundo no terreno primordial da subjetividade. (INGARDEN, 2005, p. 88)

Ingarden ao menos reconhece a característica motivadora da fenomenologia de *ir às coisas mesmas* através da sua metáfora de trazer a luz, contudo esse trazer a luz no sentido de abrir o horizonte do campo da consciência transcendental está fundamentado não apenas em mostrar a ingenuidade da orientação natural de mundo da realidade objetivistas, mas também em mostrar a ingenuidade de uma visão também unilateral e somente subjetivista da vida fenomênica.

O problema da dicotomia realismo e idealismo em Husserl é muito mais de um ultrapassamento e de uma transformação da tradição filosófica e da metafísica, do que de uma aceitação de qualquer definição filosófica, psicológica ou moderna deste conceito. O ultrapassamento dessa dicotomia metafísica aproxima Husserl e Nietzsche, pois a empreitada fenomenológica representa essa transmutação do niilismo e a efetivação do chamado positivo e de criação de novos conceitos filosóficos sob os quais foi possível um desenvolvimento para além do pessimismo e da fundamentação transcendente reativa da vida que nega a vida.

Heidegger faz uma interessante observação em *Ser e tempo* sobre a dicotomia metafísica entre realismo e idealismo, ele diz: “Tanto o realismo como o idealismo se equivocam no que respeita ao sentido grego de verdade” (HEIDEGGER, 2020, p. 73). Esta afirmação além de rejeitar a argumentação husserliana, também indica a resposta ao problema ontológico fenomenológico da busca da verdade através de uma releitura da filosofia antiga grega. Qual o problema dessa indicação heideggeriana da verdade na filosofia grega?

Heidegger publica *Ser e tempo* em 1927, com a dedicatória ao mestre Edmund Husserl, o texto contém muito da fenomenologia de Husserl sem referenciar os textos do mestre. Nesse tema específico aqui elencado, do conceito de verdade aproximado à filosofia grega antiga, Husserl ministra em 1924 a palestra *História crítica das ideias*. Primeira parte: *Filosofia primeira*. Este texto contém uma importante referência inicial à filosofia grega, e exalta a sua importância desta, em especial Platão e Aristóteles, para a Fenomenologia. Husserl indica já nesse texto o conceito de verdade e a importância de seu surgimento na metafísica grega como guia da pesquisa filosófica a qual é necessário retomar para construir uma fenomenologia segura e longe da crise moderna. Husserl aproxima a lógica da verdade (sentido de verdade) à ciência fenomenológica da subjetividade pura.

A filosofia grega representa o início de um esboço de uma ciência filosófica da subjetividade guiada pela verdade. Diz: “[...] o iniciador da filosofia, no sentido verdadeiro da palavra, é aquele que realiza a filosofia primeira desde seu começo e realmente, isto quer dizer em uma verdade irrefutável ou na evidência mais perfeita.” (HUSSERL, 2002, p. 6) Contudo, Husserl vai além de Heidegger ao dizer que a concepção de sujeito na filosofia antiga é limitada, principalmente em Platão e Aristóteles, como cita Husserl:

Assim nasceu desde a Antiguidade, engendrada pelo espírito genial de Aristóteles, um primeiro esboço de uma ciência universal da subjetividade, a saber, abaixo da forma de uma psicologia que deveria tratar de todas as funções psíquicas e também das funções da razão humana. (HUSSERL, 2002, p. 74)

Perante a indicação de Heidegger de que a solução do problema da subjetividade transcendental de Husserl estaria no conceito grego de verdade e que Husserl já faz tal referência ao conceito de verdade, e por mais que Heidegger faça uma tradução diferenciada de *alétheia* conectada ao *logos*, a crítica de Nietzsche ao conceito de verdade, desperta a dúvida quanto ao alcance da transmutação e novidade da fenomenologia de Husserl, e também da filosofia de Heidegger. Como explica Deleuze: “Nietzsche não critica as falsas pretensões à verdade, mas a própria verdade e a verdade como ideal.” (DELEUZE, 2018, p. 123) Husserl acredita na verdade, na busca desse ideal da verdade fundante, mas versada no clarificar o significado dos fenômenos do mundo. Contudo, como explica Deleuze:

[...] a filosofia referir assim a vontade de um puro pensador à verdade, a filosofia evita relacionar a verdade com uma vontade concreta que seria a sua, com um tipo de forças, com uma qualidade da vontade de potência. (DELEUZE, 2018, p. 123)

A vontade de verdade é a negação da vida e do mundo tal qual ele é. A vontade de verdade não aceita o erro, o enganar e ser enganado, e não aceita no limite a aparência, a interpretação de não haver nenhuma essência no fenômeno, como quer Nietzsche. Na obra *Além do bem e do mal*, já em seu início Nietzsche faz o questionamento acerca da verdade, como explica Deleuze *é preciso dramatizar a verdade* (2018, p.123), conforme o texto “a vontade de atingir a verdade nos seduzirá...” (NIETZSCHE, 2014, p.12), essa sedução leva o humano aos problemas, “Que estranhos, malignos e difíceis problemas!” (2014, p. 123) Nietzsche diz que já é tempo de questionar o porque dessa vontade de verdade, já que tantos problemas trás, porque isso e não algo oposto: “[...] porque não melhor a mentira, ou a incerteza, ou a própria ignorância?” (2014, p. 12) O que é a verdade ou a mentira, senão interpretação de cada um, de quem coloca algo como verdade. Como explica Nietzsche: “[...] renunciar aos juízos falsos seria o mesmo que renunciar à vida, renegar a vida.” (2014, p. 14), por isso ele insiste numa filosofia que ultrapasse os valores impostos e transmute o niilismo, aceite a vida com seus erros.

No limite, a ideia da verdade está enraizada na moral, pois como explicita Deleuze: “O homem que não quer enganar quer um mundo melhor e uma vida melhor; todas as suas razões para não enganar são razões morais.” (DELEUZE, 2018, p. 124). Para Husserl a vontade de verdade não está como diz Nietzsche condicionada ao ideal de outro mundo ou de uma transcendência além-mundo, e também não está diretamente relacionada ao âmbito moral. Para a fenomenologia, a busca da verdade, ou o ideal de verdade está no método de reduzir a um dos modos de ver o fenômeno e ‘querer’ descrever somente a unidade ideal do fenômeno, mas Nietzsche não vê problema do filósofo apontar uma possível ‘verdade’.

A aproximação de Husserl e Nietzsche mostra que no limite, Husserl não condiciona a evidência à verdade clássica, porque conforme sua explicação em *Ideias I*: “A clareza da visão, a evidência em geral é, portanto, um evento inteiramente à parte; por seu ‘núcleo’, ela é a unidade da posição racional com aquilo que a motiva [...]” (HUSSERL, 2006, p. 305) Logo, a verdade está definida como evidência racional ou aquilo que se pode *ver com clareza*. (HUSSERL, 2006, p. 305)

O ideal de verdade da fenomenologia é neutro de verdade ou falsidade sobre o aparecimento do fenômeno, mas resgata o ideal da possibilidade da descrição de algum significado ao fenômeno. A redução fenomenológica coloca entre parêntese a tese da existência ou não existência do mundo, a tese da verdade ou falsidade do fenômeno, da realidade. A possibilidade de intuir a essência ou o sentido (os) dos fenômenos, como explica Husserl no § 3 de *Ideias I*, é a característica marcante da fenomenologia e ao pensar acerca da possibilidade da consciência em poder descrever e criar sentido ou dar significado aos fenômenos situa a fenomenologia como herdeira da transmutação do niilismo, desejo último de Nietzsche para superar aquilo que no humano é tão forte e difícil de controlar, a vontade de nada, a potência fraca e ressentida da ‘necessidade metafísica’ como diria Schopenhauer<sup>11</sup>. Fenomenologia e filosofia do além-do-homem e da vontade de potência com transmutação do niilismo são duas possibilidades de renovar o pensamento para resgatar o humano como criador de valores, criador de si, criador de verdades.

No artigo de Rudolf Boehm intitulado *Husserl and Nietzsche* que ao analisar as duas filosofias acredita que deve optar por uma das duas concepções, de um lado a vida para Nietzsche e de outro a razão para Husserl. Porém, Boehm cita várias aproximações assertivas dessas duas filosofias, o que permite citá-lo na empreitada da aproximação positiva dos dois. Diz no começo: “Tanto para Husserl, quanto para Nietzsche, o que está afinal de contas em jogo nesta crise é o ideal de filosofia Socrática-Platônica e o conhecimento herdado e renovado da era moderna pelo ocidente.” (BOEHM, 2013, p. 14) De fato, esta aproximação é evidente, o ideal de filosofia é questionado por Nietzsche, mas também por Husserl, apesar desse fazer uma releitura da filosofia grega à luz da nova fenomenologia.

Ultrapassar esse ideal ou qualquer ideal que leva para fora do mundo e fora da vida, ou melhor, que leve para além do fenômeno da vida, este é o objetivo de transmutação do niilismo, mostrar que é possível uma filosofia positiva, criadora e alegre. Diz Boehm:

Deveríamos demonstrar, de fato, que a concepção husserliana de um novo racionalismo fundamentado sobre uma referência de volta à subjetividade absoluta – a concepção husserliana de uma

<sup>11</sup> Nietzsche crítica Schopenhauer por seu pessimismo em relação a vida, e por resolver a vida através da negação da vontade de viver, nesse ponto Nietzsche situa Schopenhauer como niilista reativo. Ver Deleuze. *Nietzsche e a Filosofia*.

nova ‘filosofia primeira’ que não poderia ser de nenhum modo metafísica, mas ‘fenomenologia transcendental’ – corresponde, no essencial, exatamente com a tarefa de uma transvaloração como nós indicamos seguindo as conclusões de Nietzsche sobre a história do erro mais longo da humanidade” (BOEHM, 2013, p. 16)

O que significa transmutação para Nietzsche? Como explica Deleuze: “Nietzsche chama de transmutação o ponto no qual o negativo é convertido” (2018, p. 240. Logo, o rompimento com as forças reativas e a vontade de nada, faz transmutar o niilismo e gera uma vontade afirmativa. Segundo Deleuze: “O não destituído de seu poder, passado para a qualidade contrária, tornando afirmativo e criador: esta é a transmutação.” (2018, p. 240) Para chegar neste ponto de transmutação é preciso superar o homem, o conceito de além-do-homem não deve ser entendido como um homem que vai além, mas o homem que diz sim a vida, que afirma a vida. Diz Deleuze: “O além-do-homem não é um homem que se ultrapassa e consegue se ultrapassar” (2018, p. 214) Estaria a fenomenologia de Husserl apta à uma transmutação tal qual pensa Nietzsche? O homem pensado na fenomenologia é o homem que afirma o agora e transforma a negação em afirmação?

Husserl pretende elaborar um novo sujeito, uma nova forma de pensar a subjetividade sem remição a qualquer transcendente, a consciência seria um vazio transformador e criador de sentido que funciona dirigida ao mundo, a consciência como transcendência na imanência é o ganho inegável e transformador da metafísica. A responsável por essa nova consciência seria a redução fenomenológica diz Husserl:

Mostrar-se-á talvez mesmo que a atitude fenomenológica total a epoché que dela faz parte está vocacionada essencialmente, em primeiro lugar, para uma transformação pessoal completa, que seria de comparar principalmente com uma conversão religiosa, mas que traz em si além disso o significado da maior transformação existencial que incumbe a humanidade como humanidade. (HUSSERL, 2008, p. 152)

A citação de Husserl ao mesmo tempo, aproxima e distancia da transmutação nietzscheana. Há sim uma transformação, uma mudança através da forma de olhar o fenômeno, há um criar, através da tarefa fenomenológica de descrever o sentido do fenômeno, e há também a intenção de resgatar uma humanidade perdida, uma intenção existencial de que o humano possa afirmar algum sentido para o mundo, porém há de fato um transmutar quando se inclui pela porta de trás uma conversão religiosa? Seria a



filosofia uma vocação? Talvez se possa entender essa conversão como mudança, mas ainda não estaria Husserl preso ao infinito, a uma esperança convertida em descrição infinita?

O transmutar nietzscheano seria afirmar, e afirmar não significa dizer sim a tudo, significa antes criar. Para Nietzsche:

O sim dionisíaco, ao contrário, é sim que saber dizer não: é a afirmação pura; venceu o niilismo e destituiu a negação de todo poder autônomo, mas porque colocou o negativo a serviço das potências de afirmar. Afirmar é criar, não carregar, não suportar, não assumir. (DELEUZE, 2018, p. 234)

A aproximação positiva entre Nietzsche e Husserl parece reinar no momento da evidência do aspecto criador de suas filosofias, tanto como ultrapassamento da tradição, quanto por sua astúcia em sair do ceticismo e do pessimismo, construir algo afirmativo, e dar valor ao ‘eu criador’ seja como sujeito dionisíaco ou o além-do-homem, seja como consciência transcendental como criadora de significações das vivências intencionais. O sim venceu, a história da filosofia foi transformada e gerou uma rica tradição fenomenológica. Para Nietzsche, o seu desejo filosófico ao ultrapassar o niilismo é substituir qualquer intenção do além em toda cultura e isso só é possível: “Partindo da arte, pode-se passar mais facilmente para uma ciência filosófica realmente libertadora.” (NIETZSCHE, 2005, p. 35) A arte é afirmação, é estimulante da vontade de potência, ela faz a vida ter sentido, ela cria sentido. A arte inspira a transmutação. Estaria a fenomenologia de Husserl de acordo com a transmutação?

Certamente a fenomenologia não fica atrás quando se pensa o aspecto criador de sua filosofia. Ela seria a realização da transmutação da cultura e da filosofia. Como diz Husserl na *Krisis*: “[...] um novo espírito procede da Filosofia e das ciências particulares, de livre crítica e de instituição de normas para tarefas infinitas domina a humanidade, cria novos e infinitos ideais!” (HUSSERL, 2008, p. 338). O criar da consciência, da fenomenologia não indica um ideal além, mas afirma as infinitas possibilidades de dar sentido à fenomenalidade. O infinito em Husserl está relacionado ao aspecto afirmativo de não limitar o fazer filosófico, porque as possibilidades são infinitas, mas dentro do finito contexto da vida fenomênica. O fazer e o criar afirmativos, como queria Nietzsche, é realizado na fenomenologia. O único ideal da fenomenologia é poder criar significações.

No anexo XXVII ao §73 da *Krisis* escrito em 1935 Husserl cita não só a ciência, mas a arte como bem cultural que eleva, talvez com influência de Eugen Fink, mas arte está em outras obras como a HUA XXIII sobre a *Fantasia, consciência de imagem e memória*, e mesmo as *Lições do tempo* quando usa a música como exemplo. A arte está sempre ao alcance de Husserl e no anexo citado diz: “[...] o uso original da obra de arte é ser-se ‘elevado’ na sua re-compreensão, alcançar a vivência da ‘fruição da arte’ e, assim, ser elevado como homem [...]” (HUSSERL, 2008, p. 527) Sem esquecer a fantasia, intencionalidade criadora e livre da consciência, que faz incluir mais um aspecto instaurador de novas possibilidades. Nietzsche resgata a relação da arte com a liberdade e com o criar quando diz em *Assim falou Zaratustra*: “Querer liberta: pois querer é criar: assim ensino eu. E apenas para criar é que se deve apreender!” (NIETZSCHE, 2014, p. 199) A liberdade de criar está voltada em Nietzsche para a vontade, mas em Husserl essa liberdade de criar não é somente racional, perpassa os desejos através dos conteúdos reais e psicológicos da intencionalidade noética.

Como conclusão, as duas filosofias aqui estudadas transmutam o modo de pensar a filosofia, são filosofias que instigam a afirmação da vida. Elas inspiram novas filosofias e demonstram a possibilidade de criar novas formas de pensar a cultura. A filosofia se transmuta, ela se afirma e se abre aos possíveis e infinitos sentidos de verdade (ou como quer Nietzsche: interpretações), incluindo a arte como parte importante e revigorante do pensar criador. Ainda fica a questão pendente e sempre recorrente na história da filosofia: é possível ao humano criar sem idealizar? Nietzsche conseguiu apontar para isso, Husserl acreditou descrever isso, mas será que ambos o fizeram de forma radical, é possível transmutar?

### **Referências bibliográficas**

- BENOIST, J. **Phénoménologie, sémantique, ontologie. Husserl et la tradition logique autrichienne**. Paris: Press Universitaires de France, 1997.
- BOEHM, R. **Husserl and Nietzsche**. Em: BOUBLIL, É.; DAIGLE, C. (Eds.). **Nietzsche and phenomenology: power, life, subjectivity**. Indiana: Indiana University Press, 2013.
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa, Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- FINK, E. **A filosofia de Nietzsche**. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- HEIDEGGER, M. **Categorial Intuition**. In: BERNET, R.; WELTON, D.; ZAVOTA, G. (Eds.). **Edmund Husserl. Critical assessments of Leading Philosophers. Vol. 1. Circumscriptions: Classic Essays on Husserl's Phenomenology**. London and New York: Routledge, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Ontologia: (Hermenêutica da facticidade)**. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2016.

- \_\_\_\_\_. **Ser e tempo.** Tradução de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2020.
- HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Uma introdução à filosofia fenomenológica.** Braga: Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2008.
- \_\_\_\_\_. **Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie: Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie (1936).** *Husserliana VI.* Ed. W. Biemel. The Hague: Martinus Nijhoff, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Erste Philosophie (1923-24).** *Husserliana VII.* Netherlands: Martinus Nijhoff, 1956.
- \_\_\_\_\_. **Europa: crise e renovação: artigos para a revista Kaizo – a crise da humanidade europeia e a filosofia.** Tradução de Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura.** Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida (SP): Idéias e Letras. 2006.
- \_\_\_\_\_. **Investigações lógicas: prolegômenos à lógica pura: volume 1.** Tradução de Diogo Ferrer. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Investigações Lógicas. Segundo volume, parte 1: Investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento.** Lisboa: Phainomenon, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Logische Untersuchungen. Prolegomena zur reinen logik.** *HUA XVIII,* Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Logische Untersuchungen. Zweiter band. Erster teil. Untersuchungen zur phänomenologie und theorie der erkenntnis.** *HUA XI.* The Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Philosophie première. Histoire critique des idées.** Paris: Presses Universitaires de France. 2002.
- INGARDEN, R. **About the motives which led Husserl to transcendental idealism.** In: BERNET, R.; WELTON, D.; ZAVOTA, G. (Eds.). **Edmund Husserl. Critical assessments of Leading Philosophers. Vol. 1. Circumscriptions: Classic Essays on Husserl's Phenomenology.** London and New York: Routledge, 2005.
- METZGER, J. **Nietzsche, nihilism, and Philosophy of future.** New York: Continuum International Publishing Group, 2009.
- NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal. Prelúdio de uma filosofia do futuro.** Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra.** Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: companhia das letras, 2005.
- TONGEREN, P. **Nilismo: o Desafiador Diagnóstico de Nietzsche para nossa Cultura do Século XX e XXI.** In: *Revista de Filosofia Aurora*, v. 34, n. 62, 2022, p. 200-208.
- ZAHAVI, D. **Husserl's Legacy. Phenomenology, Metaphysics, and Transcendental Philosophy.** United Kingdom: Oxford University Press, 2017.